

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL****ADOLESCENTES, FOTOGRAFIA E REDES SOCIAIS: UMA RELAÇÃO PERIGOSA**

Marília Schmitt Fernandes – UFRGS

midias2011@hotmail.com

Dra. Silvia Ferreto da Silva Moresco –

UFRGS Silvia.moresco@gmail.com

RESUMO

O tema “Adolescentes, Fotografia e Redes Sociais: uma relação perigosa” emerge dos embates da “sociedade multiteelas”, na qual os adolescentes mediam suas relações através das tecnologias móveis digitais. Indaga-se quais fatores externos e internos influenciam os adolescentes, ao encantarem-se com sua imagem refletida e compartilhada nas redes sociais, estimulando-os à exposição excessiva e colocando-os em situações de vulnerabilidade. Constatou-se que, ao exporem-se no *Facebook*, são influenciados por fatores externos, como as mídias publicitárias e o crédito fácil para a aquisição das tecnologias móveis digitais. Já os fatores internos são a busca por autoafirmação frente a seus amigos, além dos conflitos pertinentes a essa etapa da vida.

Palavras-chave: Adolescentes. Fotografia. Redes sociais.

TEENAGERS, PHOTOGRAPHY AND SOCIAL NETWORKING: A DANGEROUS RELATIONSHIP**ABSTRACT**

The theme: "Teenagers, Photography and Social Networking: A dangerous relationship" based on the idea that we live in a society multiscreen, where teenagers take ownership of mobile digital technology to mediate their relationships. This research investigates the use and the influence of mobile digital technologies in building interpersonal relationships of these teenagers in a virtual world or not, interfering in the representation and incorporation of these subjects as reflective, critical and responsible.

This paper brings that it is necessary and urgent for these young people the use conscious, responsible and appropriate of these means to they protagonize their lives and when representing themselves through images on social networks, they build a visual autobiography that lead to a decent future.

Key words: Teenagers -Photography - Social Networks

1. INTRODUÇÃO

O advento da Fotografia, em meados do século XIX, provocou mudanças no meio artístico, social e cultural da época, que reverberam em pleno século XXI, conduzindo a humanidade à atual “sociedade multitelas”. Esse conceito remete à vida mediada por câmeras digitais, telefones celulares, *tablets*, *smartphones* e aplicativos como *Instagram*, no qual os limites entre o público e o privado são fragilizados, modificando, inclusive a relação entre o local e o global (RIVOLTELLA in FANTIN; GIRARDELLO, 2008). Seus indivíduos são percebidos pela forma como se relacionam com as tecnologias digitais, sendo as crianças e adolescentes que nasceram e cresceram nesse meio citados por Prensky (2001) como “nativos digitais”. O mesmo autor refere-se aos adultos como “imigrantes digitais” já que se adaptaram a essas tecnologias, por imposições da vida pós-moderna.

Independente da classe social ou cultural, os adolescentes, enquanto “nativos digitais”, se relacionam com as tecnologias móveis digitais e com o ciberespaço de forma quase simbiótica (PRENSKY, 2001). Fotografando e compartilhando suas vivências com uma rapidez que se aproxima do tempo real, contribuindo para a expansão da Fotografia enquanto linguagem de representação, produzem informações visuais com estética duvidosa, alimentando a “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2003, p. 9). Apropriados dessas tecnologias, os adolescentes redimensionam a forma como percebem e interpretam o “... grande teatro do mundo...” (CHAUÍ, 1988, p. 34). Agindo, por vezes, de forma confusa, arriscam-se na “... supressão dos limites entre o verdadeiro e o falso...”, o que socialmente pode ser perigoso, devido às notícias veiculadas nas mídias de comunicação (DEBORD, 2003 p.137).

O presente artigo tem o tema homônimo à monografia escrita para a conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação - UFRGS - 2012, sendo apenas um viés da mesma. Como objetivo geral, pretende-se verificar quais fatores externos e internos influenciam os adolescentes, mobilizando-os a se representarem de forma inadequada nas redes sociais. Indaga-se, como problema geral: Quais fatores externos e internos influenciam os adolescentes ao encantarem-se com a própria imagem refletida e compartilhada nas redes sociais, estimulando-os à exposição excessiva e colocando-os em situações de vulnerabilidade?

Este artigo divide-se nos títulos: contextualizando a pesquisa, estratégias de pesquisa, o encontro entre os fatos e a teoria e considerações finais.

2. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Diante do movimento social no ciberespaço, entende-se, sob a ótica de Lévy (1999) e Santaella (2003), que a Cibercultura abarca tanto os aspectos materiais quanto os imateriais da cultura, como técnicas, comportamentos e valores humanos. Com uma visão mais crítica sobre os fenômenos da cibercultura, Rüdger (2008), fundamentado na concepção de pós-humanidade alerta que, de imediato, o que é produzido ainda se coloca na “[...] condição de folclore do homem pós-moderno, de expressão avançada da indústria cultural e de uma era sujeita ao pensamento tecnológico (RÜDIGER 2008, p. 105).” Assim, emergem novos hábitos humanos, mediados pelas tecnologias de comunicação e informação. Dentre esses, ocorre a entrada incessante de novos usuários no ciberespaço e a adesão dos mesmos às redes sociais.

Na cibercultura, vidas se reconfiguram em tessituras on-line, dando origem aos nós que compõem as Redes Sociais, definidas por Recuero (2009) como: “[...] um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos: os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (WASSERMAN; FAUST, 1994; DEGENNE; FORSE, 1999)” (RECUERO, 2009 p. 24). A autora refere-se às redes

sociais como uma metáfora que permite a observação dos movimentos entre os nós da rede (atores) e suas conexões (laços sociais) dentro de um grupo (RECUERO, 2009, p. 24). A rede é centrada nos atores sociais e, através de interesses e necessidades individuais e coletivas criam-se novas conexões e laços sociais (RECUERO, 2009).

Assim, é o jogo entre interesses e necessidades que dinamiza e amplia as redes, embora nem sempre seus usuários se apresentem de forma evidente, camuflando-se em “[...] representações de atores sociais, ou construções identitárias do ciberespaço” (RECUERO, 2009, p.25).

A globalização e o avanço das tecnologias digitais, associados ao desejo inerente ao ser humano de obter reconhecimento, transformam o ciberespaço e as redes sociais no cenário perfeito para as representações dos então atores sociais. Essa “[...] mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza identidades, implica também na produção de kits de perfis padrão de acordo com cada órbita [...]” (ROLNIK, 1997, p. 1). Ou seja, os atores sociais vivem identidades virtuais que não lhes pertencem, como clones que projetam e reproduzem estereótipos idealizados e reconhecidos socialmente (ROLNIK, 1997, p. 3).

Dentre as redes sociais vigentes no ciberespaço, o *Facebook* chama a atenção de pesquisadores pelo fluxo intenso, especialmente dos adolescentes, que encontraram ali o ambiente ideal para suas representações. O *The Facebook* foi desenvolvido pelo americano Mark Zuckerberg, enquanto estudante de Harvard, como forma de preservar e ampliar a rede de contatos dos alunos que saíam do curso secundário e ingressavam na universidade. Até 2004, restringia-se aos alunos de Harvard, quando se abriu a outras instituições renomadas para, após, alcançar o mundo, tornando-se a rede social com o maior número de usuários (RECUERO, 2009, p. 172). Os usuários/atores sociais do *Facebook* têm à sua disposição recursos que permitem diversas formas de interação e representação de identidade, sejam elas, através de fotografias, mensagens, vídeos, imagens de autoria desconhecida, memes, reportagens de jornais e revistas, músicas, jogos, links e aplicativos.

Sob o viés da semiótica, Santaella e Nöth (2012, p.15) citam que: “Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram [...]”. Dentre essas imagens mentais que povoam os labirintos da memória, inclui-se, também, a fotografia como forma de representação. Segundo Barthes (1984, p. 127): “A Fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi. [...] a essência da Fotografia consiste em ratificar o que ela representa”, como certificados de presença. São as cenas construídas mentalmente pelo fotógrafo, que, vislumbrando uma materialidade, desafiam seus gestos e o seu comportamento de busca. Entende-se que é na densidade do meio cultural que o fotógrafo/ caçador é movido pela intenção de “[...] eternizar seus conceitos em forma de imagens acessíveis a outros, a fim de se eternizar nos outros.” (FLUSSER, 1985, p. 24).

3. ESTRATÉGIAS DE PESQUISA

O presente estudo fundamenta-se no método empírico, exploratório e qualitativo, tendo como campo o espaço físico e o virtual através do acesso ao *Facebook* dos alunos e do perfil criado para fins da pesquisa. Para a correta investigação e observação dos grupos culturais, buscou-se um diálogo com a Etnografia (MONTARDO E PASSERINO, 2006 e KOZINETS, 1997 apud MONTARDO). A inclusão do perfil da pesquisa no ciberespaço fundamentou-se na Netnografia, visto que a mesma valoriza a combinação “[...] imersiva entre participação e observação cultural [...]” (PASSERINO, 2006, p.5).

Os sujeitos da pesquisa são alunos da 8ª série A da EMEF. Arthur Pereira de Vargas, do município de Canoas/RS no segundo semestre do ano de 2012. Os dados foram coletados, inicialmente, durante as aulas de Arte, no ambiente do LABIN, através de entrevistas manuscritas e orientadas, de depoimentos gravados em vídeo, fotografias, observação e download de imagens do perfil dos alunos no *Facebook*, totalizando uma carga horária de 10 horas.

A fim de garantir a confiabilidade da análise dos dados, observou-se a sequência proposta por Moraes (1999), com a preparação das informações, unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, categorização ou classificação das unidades em categorias, descrição e interpretação. Entende-se o campo de pesquisa como um lugar “[...] de emergências de intensidades sem nome; espaço de incubação de novas sensibilidades e de novas línguas ao mesmo tempo” (ROLNIK, 1989, p. 4).

Pela complexidade dos fenômenos percebidos e sendo adolescentes os seus sujeitos, foram atendidas as normativas do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990 e os princípios éticos da Netnografia. Para tanto, suas identidades foram blindadas, substituindo-se seus nomes por siglas e ocultando seus rostos nas fotografias, prevendo-se, que os pais, ao autorizarem o uso da imagem de seus filhos, desconheciam o conteúdo das fotografias, das imagens e dos textos por eles postados no *Facebook*. Tal procedimento visa evitar que se criem situações constrangedoras e conflitantes entre pais e filhos.

4. UM ENCONTRO ENTRE OS FATOS E A TEORIA

4.1 INGRESSO LIBERADO PARA O *FACEBOOK*!É SÓ ENTRAR!

A pesquisa TIC *Kids* Online Brasil, divulgada no dia dois de outubro de dois mil e doze, pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) informa que 61% das crianças e adolescentes brasileiros são cadastrados no *Facebook*, indicando o alarmante percentual de que 42% dos usuários de 9 a 10 anos criam um falso perfil, mentindo a idade, por não pertencerem à faixa etária de 13 anos, pré-requisito para o cadastro nessa rede. Esse índice dialoga com os dados obtidos nessa pesquisa, em que, dos trinta sujeitos pesquisados, vinte e seis são usuários do *Facebook* e ingressaram nessa rede social antes da idade mínima exigida. Para cadastrar-se no *Facebook*, o futuro usuário preenche apenas alguns campos, sem a necessidade de identificar-se como pessoa física, ou seja, através de RG ou CPF, dados que reduziriam o acesso, inclusive, das crianças. Mas, essas exigências aparentemente tão simples estariam na contramão dos objetivos de Mark Zuckerberg e seus investidores, que alcançaram um bilhão de usuários no ano de 2012 e altos índices na bolsa de valores (SARKIS, 2013, contra capa).

4.2 OS ADOLESCENTES, COMO ATORES SOCIAIS NUM TEATRO VIRTUAL

Os argumentos de Recuero (2009) sobre as projeções e os disfarces de identidade usados pelos atores sociais na rede também se aplicam ao comportamento dos adolescentes no ciberespaço, sendo possível imaginá-los como atores, representando um personagem perante a plateia lotada e ansiosa da sua “rede ego” no *Facebook* (RECUERO, 2009, p. 70). Percebendo-os como atores, entende-se que, diante as telas de LCD, eles dão vida a representações e personagens, como se estivessem num teatro virtual. Muitos dos adolescentes pesquisados, especialmente do gênero feminino, passam o dia todo on-line, demarcando espaços através de postagens, comentários e “curtições” frente a seus amigos virtuais. Nessas interações se “[...] monta o palco para um tipo de jogo de informação, um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas [...]” (GOFFMAN, 1985, p.17). Essa

imersão intensa dos adolescentes no ciberespaço ocorre pela inclusão digital, pois, dos trinta sujeitos entrevistados, vinte e três têm computador em casa e dezoito também têm telefone celular com acesso a internet.

Questionando-se os adolescentes sobre como reagem diante de uma solicitação de amizade no *Facebook* e quais os critérios para aceitá-las, descobriu-se que quatorze deles priorizam a necessidade de conhecer o pretendo amigo pessoalmente. Enquanto isso num segundo momento, esse número cai de quatorze para quatro, dando espaço para o critério de beleza, pois nove dos adolescentes aceitam a amizade de um desconhecido, desde que ele seja bonito. Esse critério equivocadamente coloca-os em situação de risco, pois, nas redes sociais também existem pessoas de má índole camufladas em perfis falsos, a fim de impressionarem crianças e adolescentes, incentivando-os a encontrarem-se presencialmente (SMITH, 2009, P.119). A pesquisa “TIC Kids Online Brasil” divulga que 25% das crianças e adolescentes têm perfil público nas redes sociais, mantendo “as portas e as janelas abertas” para quem quiser visualizar, curtir, comentar e compartilhar suas informações.

Identificou-se que as adolescentes do gênero feminino são mais ávidas na formação e ampliação de sua plateia virtual no *Facebook*, tendo um número bem maior de “amigos virtuais” do que o gênero masculino. E, mesmo que a comunicação e a interação não ocorram de forma efetiva com todos, elas continuam expostas socialmente.

4.2.1 Seduzindo a plateia do *Facebook*

Os atores sociais não poupam esforços para chamarem a atenção da sua plateia virtual, comunicando informações de impacto que transitam entre a “fraude” e a “dissimulação” e, por que não dizer em ambas (GOFFMAN, 1985, p.12). Em nome da vaidade feminina, as adolescentes se expõem no *Facebook*, através de fotografias com roupas íntimas, atitudes, imagens e textos provocantes que, por vezes remetem a sua opção sexual, incentivando seus amigos virtuais a comentários tendenciosos, criando-se, “... um monólogo elogioso...” e narcisista sobre si mesmas (DEBORD, 2003, p. 15).

Já os adolescentes do gênero masculino buscam a autoafirmação de sua pretensa masculinidade, através de postagens com conteúdo agressivo e grosseiro, referindo-se a palavrões, ao consumo precoce de bebidas alcoólicas, envolvimento afetivo e preferências esportivas, imprimindo a falsa ideia de maturidade social. O consumo de bebidas alcoólicas é um dos grandes problemas entre os jovens, envolvendo quase todas as classes sociais e, no ciberespaço, não é diferente. Percebe-se que os adolescentes dos gêneros feminino e masculino almejam viver no ciberespaço a máxima de Andy Warhol: “Um dia todos terão seus quinze minutos de fama” (RÜDGER, 2008, p. 28).

4.3 CONSTRANGIMENTOS VIRTUAIS

A visibilidade excessiva, aliada às opções de interação do *Facebook*, concede aos adolescentes e atores sociais um poder precoce para o qual muitos não estão preparados, criando-se situações complexas de constrangimento moral. Questionando-se os sujeitos da pesquisa se já haviam sofrido alguma forma de constrangimento nas redes sociais e quais suas reações, seis adolescentes do gênero feminino afirmaram que sim, destacando-se o seguinte enunciado:

AF1 – “*Mexi no face e tinha lá um negócio de verdade ou não, botaram perguntando se eu já tinha sido garota de programa fiquei furiosa.*”.

A adolescente incomodou-se com a pergunta maldosa do desconhecido no seu perfil, que é público. Mas, continua postando suas fotografias com conteúdo insinuante,

que pode conduzir seus “amigos virtuais” também a esse raciocínio. Em outro momento da pesquisa, essa mesma adolescente afirmou que gostaria de ser vista por seus amigos virtuais como uma pessoa atraente.

Posteriormente, indagou-se se os adolescentes estavam cientes de que pessoas estranhas podem ter acesso a suas fotografias e a informações de sua vida privada mesmo sem autorização prévia, podendo interpretá-las de modo errôneo, criando uma visão inadequada sobre a sua verdadeira identidade, causando-lhes, assim, problemas futuros. Os dados revelam que sete dos entrevistados do gênero masculino entendem que desconhecidos podem acessá-las, enquanto que, apenas quatro do gênero feminino têm esse entendimento, o que é, no mínimo, preocupante. Entretanto, o gênero feminino torna-se ainda mais vulnerável, quando se percebe que dez das adolescentes admitem saber, mas não se importam com o fato de que desconhecidos acessem o seu perfil. Apenas uma delas admite não saber que isso seja possível, fato que não ocorre entre os entrevistados do gênero masculino.

Diante da aparente falta de preocupação de alguns adolescentes com o controle das fronteiras entre o que é público e o que é privado nas redes sociais, perguntou-se se não temiam que desconhecidos fizessem mal uso de suas imagens. Os resultados apontam que os adolescentes de ambos os gêneros têm esse medo, sendo capazes de discriminar situações como o direito sobre o uso da imagem (AF3), pornografia juvenil (AF5), pedofilia (AF26), produção de informações falsas (AF11), criação de situações constrangedoras (AF22), entre outras. Destaca-se o seguinte enunciado:

AF26- “*Sim, sei lá pedófilos.*”

Em contrapartida, há um grupo de adolescentes que diz não sentir-se intimidado, porque tomam atitudes preventivas como não adicionar pessoas estranhas ao *Facebook*, nem postar fotografias pessoais de forma excessiva. Segundo Smith (2009), essa iniciativa pode minimizar muitos riscos, permitindo que os adolescentes transitem no ciberespaço de forma consciente e responsável, afastando-se e protegendo-se de possíveis “predadores virtuais”, sendo que esses, são definidos pelo mesmo autor, como indivíduos que adotam um comportamento agressivo e perseguidor na internet.

A pesquisa *SaferNet Brasil* realizada no ano de 2009, entre jovens internautas brasileiros, destaca que 35% deles já tiveram contato com conteúdo agressivo e inadequado para a sua idade, assim como 38% deles já foram vítimas de alguma forma repetitiva de agressão virtual, o *ciberbullying*. Assim, entende-se que o acesso da população jovem aos meios tecnológicos, aliado ao uso inadequado e irresponsável colabora para as incidências desses casos, visto que as redes sociais facilitam esses ataques, sendo usadas pelos agressores de forma covarde para intimidar e humilhar as vítimas virtuais (SILVA, 2010). A mesma autora ressalta a importância e a responsabilidade dos pais em manterem-se atentos ao comportamento dos filhos na internet e o uso que fazem da mesma, agindo, assim, de forma preventiva diante possíveis casos de agressão ou constrangimento físico e moral.

Considera-se que esse seja o momento ideal para que as escolas, em parceria com os pais, o poder público e as mídias, criem projetos preventivos sobre esses temas, a fim de garantirem um desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico mais saudável para os adolescentes e “nativos digitais”. Considerando-se que eles, por vezes, sentem-se confusos e perdidos diante dos conflitos e situações com as quais não sabem lidar e que são ainda mais redimensionados quando advindos do ciberespaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço tecnológico das mídias digitais contribuiu para a criação do conceito de “*sociedade multitelas*”, na qual os limites entre a vida pública e a privada são tênues e frágeis. Essa fragilidade está diretamente relacionada aos fatores externos e internos que mobilizam os indivíduos ao optarem entre a proteção ou a exposição de sua identidade. Como fatores externos, estão as mídias publicitárias e as tentadoras ofertas de crédito para a aquisição de equipamentos de tecnologia de ponta e a adesão aos planos de conexão rápida a internet, direcionando as campanhas publicitárias aos “*nativos digitais*”, despertando-os para novas necessidades, instigando-os ao consumo.

De posse de computadores pessoais e de telefones celulares com internet, os jovens ampliaram sua via de acesso às redes sociais e as interações com seus “amigos virtuais”. Destaca-se aqui uma questão de gênero, já que algumas adolescentes do gênero feminino afirmam permanecer logadas o “dia todo”, enquanto fazem outras atividades. Agrega-se, ainda, ao fator externo, o ingresso irrestrito dos adolescentes na rede social *Facebook*, pois, no sistema do site, não há nenhuma forma de controle efetivo que os impeça de fazê-lo. Esses fatores contribuem para a expansão da Fotografia como representação dos adolescentes nas redes sociais, ampliando a exposição física e moral dos mesmos, tornando-os mais suscetíveis a possíveis “*predadores virtuais*”.

A exposição excessiva dos adolescentes como “*nativos digitais*” e “*atores sociais*” está sujeita a fatores internos, como o processo de autoafirmação de identidade natural da adolescência, em que eles, através de representações identitárias, buscam reconhecimento diante de seus amigos virtuais; delimitando espaços nas redes sociais, buscando um “lugar para chamar de seu” mesmo que ele seja virtual. Assim como Narciso encantou-se pela própria imagem refletida no lago, os adolescentes encantam-se quando refletidos nas telas brilhantes de LCD, imaginando-se num palco virtual, sendo assistidos por amigos e desconhecidos na plateia. Em alguns casos, eles permitem o acesso de usuários desconhecidos ao seu perfil no *Facebook*, na expectativa de serem ainda mais vistos e reconhecidos, assumindo um comportamento de risco no ciberespaço.

Alguns, inconformados com suas verdades, criam um falso “eu” nas redes sociais, representando-se de forma maximizada através de textos, memes, músicas e fotografias pessoais, tentando alcançar maior status social no ciberespaço e a atenção da sua rede ego. A baixa autoestima e a busca por autoafirmação são as molas propulsoras para que os adolescentes, em desenvolvimento físico, psíquico e afetivo projetem uma identidade ideal e por ela sejam representados nas redes sociais, expondo-se, de forma vulnerável na tentativa de serem aceitos por seus amigos e também pelos desconhecidos que visualizam seus perfis no *Facebook*.

Entre as adolescentes do gênero feminino, existe uma crença enganosa de que “não dá nada”, como elas gostam de dizer, adicionar como “amigo virtual” um desconhecido, baseando-se na ideia de que “amigos na rede, quanto mais, melhor”, embora interajam com uma minoria deles. Elas admitem saber que “*predadores virtuais*” podem ter acesso a suas informações, mas não se intimidam diante desse fato e continuam expondo-se através de fotografias e postagens com conteúdo duvidoso. Existe um grupo de adolescentes consciente dos riscos aos quais estão expostos e que mantêm cautela ao aceitarem novos amigos na sua rede ego. Temem e evitam, envolverem-se em situações como: uso indevido de imagem, pornografia juvenil, pedofilia, produção de informações falsas, criação de situações constrangedoras. Já o outro grupo afirma não ter temor algum quanto a isso. Mas, ambos os grupos representam-se através da postagem e do compartilhamento de imagens e fotografias que podem lhes conduzir a situações tanto de conflito familiar quanto social.

A partir dessas considerações, pergunta-se até quando a relação entre adolescentes, fotografia e redes sociais será comprovadamente uma relação perigosa? A resposta encontra-se noutra viés da pesquisa, o qual constatou a necessidade de que os pais e a escola assumam suas responsabilidades frente ao uso que crianças e adolescentes fazem das tecnologias digitais, das redes sociais e da internet, a fim de que, juntos, colaborem para que os alunos preservem suas identidades, criando fronteiras nítidas entre o que é público e o que é privado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRASIL, Comitê Gestor da Internet no; Comunicação, Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação, **Pesquisa TIC KIDS ONLINE 2012 – CGI- 2012 a -São Paulo**. Disponível em <http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/apresentacao-tic-kids-2012.pdf> Acesso em: 04 out, 2012

BRASIL, SaferNet. Relatório da Pesquisa Online- Brasil – “Hábitos de Navegação na Internet: Será que nossos alunos e educadores navegam com segurança na Internet? 2009 c. Disponível em: <http://www.safernet.org.br/site/sites/default/files/RELATORIO%20ALUNOS%20NACIONAL%202009.pdf> Acesso em: 07 nov,2012.

CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
_____. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em: 08 set. 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Guy Debord (1931-1994). Disponível em: <http://www.terraviva.pt/IlhadoMel/1540>. Acesso: 07 set. 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/16343457/Vilem-Flusser-Filosofia-da-Caixa-Preta>. Acesso em: 10 ago. 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 09 set. 2012.

MONTARDO, Sandra Portela; PASSERINO, Maria Liliana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. Porto Alegre, **RENOTE : revista novas tecnologias na educação**: UFRGS, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14173>. Acesso em: 02 jan 2013..

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**: de OntheHorizon NCB University Press, v. 9, n. 5, out. 2001. Disponível em: <http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/uft/file.php/1/moddata/data/151/180/2052/Nativos_Digitais_Imigrantes_Digitais.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**. 1989. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

_____. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempos de globalização**. 1997. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2012.

RÜDGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo**: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2012.

_____. Das culturas das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano in **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>>. Acesso em: 29 out. 2012.

SARKIS, Marcelo. A Nova Cara e as estratégias do Facebook. **Zero Hora**, Porto Alegre .24 de abr. 2013. Caderno ZH Digital, contracapa.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro. Fontanar, 2010

SMITH, Gregory S. **Como proteger seus filhos na internet**: um guia para pais e professores. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito, 2009.